

# ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: PRÁTICAS MASCULINAS NO PIAUÍ OITOCENTISTA

PEDRO VILARINHO CASTELO BRANCO\*

---

## RESUMO

O texto aborda as vivências masculinas no Piauí do século XIX, com base na análise de textos literários, historiográficos e narrativas de memória acerca das práticas cotidianas da sociedade rural e pecuarista local. Os relatos vislumbram figuras masculinas; os escritos recriam personagens, registram trajetórias da infância, mocidade e vida adulta. Nos registros, os homens surgem com identidades múltiplas: traquinas, aprendizes, homens que tocam suas atividades produtivas e preservam as tradições familiares; acostumados a dificuldades, sem medo de matar nem enfrentar a morte. Nosso objetivo é perceber como as masculinidades foram vistas pela literatura e pela história.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Memória, Literatura, Masculinidades, Trajetória.

## ABSTRACT

This paper addresses the masculine experiences at Piauí in the nineteenth century based on the analysis of literary and historiographical texts, and also memorial narratives about daily practices of rural and cattle breeder local society. The reports envision male figures; the writings recreate characters and record childhood, youth and adulthood trajectories. In the records, men emerge with multiple identities: prankish ones, apprentices, men who develop their productive activities and preserve family traditions; used to hardships, not afraid of killing or facing death. Summing up, this paper aims at understanding how masculinities were seen in literature and history.

**KEYWORDS:** History, literary, memory, masculinities, path.

---

O presente texto propõe construir uma narrativa sobre as vivências masculinas no Piauí do século XIX. Ao analisar textos literários, historiográficos, e narrativas de memória, encontramos relatos que nos possibilitam vislumbrar algumas figuras masculinas. Os escritos procuram recriar para tirar do esquecimento personagens que, de alguma forma se destacaram, e deixar registradas trajetórias de vida, vivências da infância, da mocidade e da vida adulta. Nesses registros, os homens surgem com identidades múltiplas: são meninos traquinas, rapazes empenhados no aprendizado da vida; homens que se deparam com a necessidade de tocar as atividades produtivas, de preservar o bom nome e as tradições da família; são homens viris acostumados a dificuldades, aos enfrentamentos armados; homens que perderam o medo de matar e de enfrentar a morte. São homens práticos, empreendedores que montam fazendas para o criatório do gado e fazem sua comercialização em feiras distantes, homens que tinham o saber necessário para o desenvolvimento das atividades econômicas da região.

As masculinidades também eram definidas nos espaços domésticos, na relação com as mulheres, com filhos e agregados, que lhes exigiam o respeito, a obediência ao marido, ao pai e ao patrão, usando inclusive, em alguns casos, a violência necessária, segundo sua concepção, para manter o controle social e familiar. Ao lado das figuras masculinas potentes, surgem também os traídos, os que se deixam vencer; esses últimos nos ajudam a entender as masculinidades como identidades plurais construídas e condicionadas por circunstâncias cotidianas. Na empreitada, utilizaremos relatos que tratam ainda de trajetórias iniciadas no final do século XVIII ou ainda que avançam para os anos iniciais do século XX, por entender que essa movimentação não trará prejuízos à análise da sociedade oitocentista como pretendemos.

Na construção da narrativa sobre a temática em tela, daremos visibilidade às práticas sociais que dão vida às masculinidades, abordando

trajetórias de vida, mostrando como os homens – da infância à vida adulta – davam nas práticas cotidianas significado e conteúdo ao universo masculino. Certamente, para percebermos as formas assumidas pelas masculinidades na sociedade e no período em estudo, precisamos entender os valores, as condições materiais e existenciais em que as pessoas se movimentavam.<sup>1</sup>

Para efetivar nossa proposta, utilizaremos como fontes documentais obras literárias, historiográficas e relatos de memória que dão conta das práticas cotidianas da sociedade rural e pecuarista no Piauí. Nosso objetivo é perceber como as masculinidades foram vistas pela literatura e pela história; no entanto, procuraremos também trabalhar no campo das práticas, perceber como homens e mulheres, ao se relacionarem, ao definirem formas de convivência entre os gêneros, foram determinando os padrões de masculinidade, aceitos e legitimados na sociedade. Dessa forma, complementaremos o nosso *corpus* documental com relatos de viagens, com narrativas de memórias e com documentos manuscritos que nos deem pistas das formas de viver a masculinidade, nos grupos de elite no Piauí oitocentista.

No período em análise, as populações piauienses viviam vinculadas ao meio rural ou ao mundo de pequenas vilas e suas sociabilidades. A ausência de condições médico-sanitárias apropriadas tinha como consequência uma maior insegurança quanto à sobrevivência das crianças até a idade adulta. Deste modo, os infantes só passam a ganhar maior visibilidade, quando percebidos como continuadores da linhagem, do nome familiar; por isso o nascimento de um menino, de um varão, para dar continuidade ao nome e aos negócios da família era sempre desejado e festejado.<sup>2</sup>

Possivelmente esse era o pensamento de Manoel Martins, proprietário da Fazenda Serra Vermelha, na região de Oeiras, sertão do Piauí, quando, em 1776, esperava ansiosamente pelo nascimento do filho primogênito. As suas esperanças se concretizaram com o nascimento de um menino-macho, que receberia o nome de Manoel de Sousa Martins em homenagem ao progenitor.

O nascimento foi para o pai uma prova de virilidade, da capacidade de procriar um rebento que daria continuidade ao nome e a honra da família.<sup>3</sup>

Depois dos anos iniciais, cercado de cuidados por parte da mãe e de outras mulheres da casa, o menino Manoel de Sousa Martins,<sup>4</sup> como milhares de outros nascidos nos grupos de elite do Piauí oitocentista, passava a integrar-se às práticas cotidianas direcionadas aos infantes do sexo masculino. Os meninos eram direcionados, desde cedo, a assimilar referências quanto ao corpo e sobre as implicações que isso teria na vivência social. Em razão disso, a eles eram permitidas maiores movimentações nas proximidades da casa, brincavam de montaria, utilizando talos de coco ou mesmo animais de pequeno porte, como carneiros; reproduziam nas brincadeiras o meio social em que viviam. Criavam fazendas imaginárias, nas quais ossos ou pedras representavam bois, vacas e bezerros; usavam a imaginação para reproduzir na brincadeira o que viam no trato dos adultos com os animais. Assim imaginariamente ferravam bois, cuidavam de bicheiras, dividiam o gado para o abate, entre outras atividades que percebiam no cotidiano da fazenda.<sup>5</sup>

Aos meninos também era permitido caçar pequenos animais, utilizavam-se de baladeiras para seus intentos; os passeios à beira dos riachos, à cata de frutas nas redondezas, serviam-lhes de estímulo o espírito audaz, livre, empreendedor, mas também uma forma de treiná-los, para que aprendessem a pescar e a caçar – atividades masculinas por excelência nessa sociedade rural e pastoril. Higino Cunha,<sup>6</sup> literato nascido em meados do século XIX em áreas rurais, ao relembrar sua infância relata a importância dessas brincadeiras infantis na sua formação física como homem:

Desde a infância fui muito afeiçoado aos exercícios venatórios e às pescarias onde aprendi a nadar com grande facilidade, desde menino. Fugindo à vigilância paterna, entregava-me aos perigos das caçadas e pescarias diurnas e noturnas, nas quais adquiri notável resistência física, andando a cavalo ou a pé acompanhado de outros meninos destemerosos.<sup>7</sup>

Os relatos de homens que viveram a infância nos núcleos urbanos do Piauí no mesmo período, guardam proximidade com as práticas do mundo rural; assim Bugya Britto, nascido em Oeiras, nos anos iniciais do século XIX,

retrata práticas infantis próximas das relatadas por Higinio Cunha, demonstrando a proximidade da vida urbana com as práticas rurais no oitocentos.<sup>8</sup>

A infância de milhares de crianças no Piauí do século XIX se dá, majoritariamente, fora dos quadrantes escolares. A sociedade profundamente mergulhada na ruralidade e na cultura oral não dava a importância devida à cultura escrita nem à escola.<sup>9</sup> O poder público empreendeu esforços no sentido de instituir escolas de primeiras letras na Província, no entanto, os investimentos atendiam a demandas dos grupos de elite em áreas urbanas, continuando grande parte da população, que vivia dispersa nas áreas rurais, desassistida desse benefício. Dessa forma, mesmo para os meninos dos grupos de elite, o aprendizado de primeiras letras era feito muitas vezes no próprio espaço da casa, onde os pais, irmãos mais velhos ou mesmo algum professor contratado para desasnar os infantes ensinavam a leitura, a escrita, alguns cálculos aritméticos. Somente alguns poucos davam continuidade aos estudos secundários; para tanto migravam para outras províncias ou mesmo para a Europa a buscar escolarização necessária.<sup>10</sup>

Alguns mestres de varanda, como Belarmino, que atuava na região de Esperantina, Centro-Norte do Piauí, em meados dos oitocentos, ensinavam aos discípulos artes e ofícios valiosos, num mundo em que muitos dos artefatos utilizados cotidianamente eram elaborados partindo de matérias-primas encontradas no meio e fabricadas pelos próprios consumidores; estamos nos referindo ao fato de Mestre Belarmino ensinar aos seus alunos a fazer peias, cabrestos, abanos, cofos, esteiras de palha, jacás, balaios, urupembas, quibanos e uma infinidade de outros utensílios domésticos que um homem prático deveria saber confeccionar.<sup>11</sup>

A. Sampaio, ao relatar as práticas de mestre Belarmino com seus aprendizes, afirma que havia alguns alunos que se mostravam mais curiosos e interessados; o Mestre ensinava mesmo outras ciências, fundamentais para o meio sertanejo, carente de pessoas especializadas nas práticas de cura:

Quando Mestre Belarmino descobria um discípulo mais curioso passava-lhe reservadamente, outras ciências, pois o velho era também mestre em responder Santo Antônio, atalhar fogo e atalhar sangue com palavras,

curar na imbira, no rumo e no rastro, rezar contra quebranto, carne quebrada, mau olhado, campainha caída, dor de dente especialmente quando a dor de dente era de pontadas, levantar arcada caída, benzer contra erisipela e outros malefícios.<sup>12</sup>

Na sociedade brasileira oitocentista, as pessoas sem distinção de padrão social acreditavam que a vida, as doenças e a morte estavam envoltas de motivações sobrenaturais. O mágico e o sobre-humano eram muito valorizados e presentes em seu cotidiano.<sup>13</sup> Dessa forma, os referidos ensinamentos de mestre Belarmino seriam de muita utilidade.

O menino Manoel de Sousa Martins, embora tenha aprendido, assim como muitos meninos seus contemporâneos, a ler e a realizar alguns cálculos aritméticos com familiares dentro do próprio espaço da casa, recebeu do vaqueiro Afonso, empregado de seu pai, as grandes lições que o iniciaram na arte de campear o gado, de saber achar as vacas manhosas que escondiam as crias, a manusear o ferrão para auxiliar na captura dos bois, a laçar e a derrubar os mais renitentes, a encaretá-los e levar até o curral, a curar suas bicheiras, a conhecer a hora de cobrir os animais, além de outros saberes práticos que eram passados às gerações mais novas no contato direto e cotidiano.<sup>14</sup>

A trajetória de Manoel de Sousa Martins mostra práticas de socialização e formação educacional das crianças, tendo como ponto de partida o contato com os adultos, pois era na relação direta e na observação do fazer cotidiano que as crianças aprendiam os conhecimentos necessários à sobrevivência em seu espaço.<sup>15</sup> Em síntese, a educação das crianças era tarefa familiar e comunitária.<sup>16</sup>

Assim aos sete ou oito anos, estava a maior parte delas, nessa idade, já engajada no mundo do trabalho, dividindo espaço com os adultos a aprender algum ofício.<sup>17</sup> Consistia prática comum ensinar aos filhos, mesmo nas famílias abastadas, um ofício prático que lhe auxiliasse futuramente. Nos relatos de memória são muitos os exemplos de homens nascidos no século XIX, e que davam continuidade, na vida adulta, a suas atividades práticas. Moura Rego apresenta seu pai como alfaiate, ofício que lhe rendeu o sustento por muito tempo. O pai de Bugyja Britto era farmacêutico prático, ofício que aprendera com seu pai Benedito. Tomé Ribeiro, comerciante estabelecido em Amarante,

nos anos 1940, tinha, entre os artigos à disposição da clientela, copos, lamparinas, canecos, funis, marmitas, papeiros e outros produtos que aprendera a fabricar com o uso da bigorna e de tesoura apropriada, tinha o ofício de funileiro que herdara do pai. No entanto, nas camadas de elite, os meninos eram ensinados ao trabalho na lida com o gado, no manuseio dos rebanhos, a comercialização em feiras muitas vezes distantes, a administração das terras e dos moradores livres e escravos, a plantação de gêneros alimentícios que seriam consumidos muitas vezes na própria fazenda.

Nos núcleos urbanos poderiam ocorrer algumas variações nesse padrão, e, ao lado da função de proprietário de terras e animais, os meninos poderiam ser direcionados ao ofício de comerciantes, dando continuidade aos negócios do pai, abrindo seu próprio estabelecimento, ou assumindo funções importantes, como farmacêutico prático ou ainda ocupando alguma função pública, muitas vezes fruto de investimentos familiares em uma educação mais aprimorada fora do Piauí.

Na maioria dos casos, o grau de envolvimento com o mundo do trabalho era marcado pela origem social das crianças; isto é, as originárias dos grupos proprietários teriam o aprendizado de todo o processo produtivo das fazendas, mas também seriam ensinadas a comandar, a dar ordens, a administrar as fazendas, a tornarem-se chefes políticos, a fazerem “às vezes” de juízes, arbitrando os conflitos de interesse. Mais uma vez, o aprendizado da vida adulta era vivenciado na prática, era vendo o tio, conhecido como Senhor a dar ordens, a encaminhar os negócios do engenho e da criação do gado, a resolver pequenos conflitos entre os moradores, e a impor-se como proprietário e senhor, por suas posturas de mando, que Moura Rego e os primos aprenderiam a serem homens adultos e proprietários.<sup>18</sup> Foi, também, dessa maneira, que o menino Manoel de Sousa Martins aprendeu com o pai, em viagens a feiras de gado na Bahia, a negociar o gado pelo melhor preço.<sup>19</sup> A aprendizagem da vida prática era importante para dar continuidade à engrenagem produtiva da propriedade e às relações de poder e mando presentes no meio.

A infância consistia no momento do aprendizado, da incorporação de práticas, mas também de valores que se faziam presentes na vida cotidiana, que

condicionavam e definiam os papéis de cada um no corpo social. Dessa forma, o aprendizado das crianças tinha o sentido de ensinar-lhes também a se movimentar em um mundo heterogêneo e estratificado. Uma realidade na qual as pessoas eram marcadas por relações de gênero, pela condição social e por questões raciais. As crianças deveriam aprender, como também incorporar as diversas condições sociais que separavam as pessoas em homens e mulheres; proprietários, agregados e escravos; em brancos, pretos, índios e mestiços; em senhores e escravos; em ricos e pobres.

O aprendizado do exercício do poder era feito na relação entre pais e filhos ou ainda em outras relações profundamente marcadas por hierarquias. Dessa forma, as infrações eram punidas severamente no próprio corpo. Assim nos livros de memória aparecem relatos que dão conta de castigos físicos, do uso da violência que era dispensada aos infratores, aos que não se subordinavam ou não se enquadravam no que era determinado ou proposto. Bugyja Britto,<sup>20</sup> por exemplo, relata em suas memórias a forma como os pais lançavam mão de palmatórias, chicotes e cinturões para punir os filhos nas infrações. Os professores, na relação com os discípulos também ocupavam posição de mando, e assim usavam da violência necessária para desasnar os meninos e manter a ordem, como A. Sampaio deixa claro no relato:

Mestre Felix tornou-se um lente categorizado, figurando como um carrasco desasnador de menino, em cujo ofício era mais valente do que uma jararaca engolindo outra. O mestre, espantinho temível, para deixar a turma quieta e transida de pavor bastava armar-se com sua velha palmatória de paudarco.<sup>21</sup>

A sociedade oitocentista era profundamente marcada pelas condições existenciais de uma sociedade escravocrata, que fazia com que os indivíduos se familiarizassem com cenas de violência sádica, podendo mesmo alcançar a pena capital do infrator. As crianças, segundo Luís Martins, tinham situação dúbia, pois ao mesmo tempo em que podiam usar de violência com os “moleques pajens” eram humildes e submissas diante das figuras paternas todo-poderosas que as intimidavam e seviciavam.<sup>22</sup>

Para os meninos, o sexo também tinha importância central no aprendizado de ser homem. Moura Rego enfatiza no seu romance

autobiográfico a importância das práticas em torno da sexualidade, na definição da masculinidade; no entanto, ela não era problematizada, partindo da ideia de comportamentos normais e desviantes.<sup>23</sup> Neste sentido, a masturbação, a zoofilia e outras manifestações da sexualidade, que seriam percebidas posteriormente como desviantes, não sofriam admoestações dos adultos, e eram mesmo, nas sociedades tradicionais, percebidas como constitutivas do aprendizado de tornar-se homem, de ser ativo, de ser viril.<sup>24</sup>

A centralidade da sexualidade na passagem da condição de menino para a de homem fazia com que práticas como as relatadas por Moura Rego fossem, de certa forma, comuns e mesmo cobradas dos meninos pelos adultos, que esperavam dos filhos que molestassem os animais e que competissem com os outros na masturbação. Não cumprir esses rituais seria atitude estranha ao meio masculino. Desta forma, a primeira relação sexual com uma mulher era passo importante para a passagem da infância à vida adulta, para igualar-se aos homens feitos, era pretexto de exibição perante os outros infantes, motivo suficiente mesmo para deixar de ser considerado menino e passar a ser percebido pelos outros como homem.<sup>25</sup>

Por volta dos doze anos de idade os meninos iam aos poucos adentrando pela vida adulta, e os sinais dessa mudança eram a inserção no mundo do trabalho, na condição de aprendizes, acompanhando o pai e/ou os vaqueiros na lida com gado; ou se morador das áreas urbanas engajando-se em atividades comerciais. Outra marca desse momento são as iniciações sexuais que se tornam cada vez mais frequentes para os meninos. Esse era o momento de inserir-se nas sociabilidades masculinas adultas, de bebericar cachaça, de aprender a manusear armas de fogo, de aprimorar a montaria de animais; enfim, de aperfeiçoar alguns aprendizados que lhes seriam cobrados na vida adulta, quando deveria tornar-se um homem prático, capaz de dominar os saberes necessários para fazer a vida cotidiana.

Destaque-se aqui a afirmação de Higino Cunha, que, aos dez ou doze anos de idade, esteve como aprendiz de balcão na casa comercial de seu irmão e que, em seguida, se deslocou para Teresina, onde trabalhou em casas comerciais como vendedor e como guarda-livros. Na narrativa de Higino Cunha, afloram indícios de que o aprendizado se dava, sobretudo, em casas comerciais de

parentes, dos pais, de irmãos, de tios ou padrinhos, numa demonstração de que o encaminhamento dos rapazes na vida adulta era uma obrigação que os familiares melhor aquinhoados e já estabelecidos tinham com os demais membros de uma família ampla, de caráter gregário.<sup>26</sup>

Outra narrativa comprobatória de tal prática é a de Cristino Castelo Branco,<sup>27</sup> que, ao falar do seu pai Joaquim Castelo Branco, relata que o mesmo era comerciante e que recebia muitos sobrinhos do Interior, que vinham trabalhar em seu estabelecimento como aprendizes, e, em seguida, se estabeleciam no comércio como patrões ou empregados. É assim que Antônio Nogueira Castelo Branco, sobrinho de Joaquim Castelo Branco, migra para Teresina nos anos iniciais do século XX, e com o Tio aprende o ofício de guarda-livros; função que exerceu no comércio de Teresina por longos anos, e de onde aferiu os recursos suficientes para, posteriormente, se tornar pequeno comerciante de secos e molhados.

O aprendizado do comércio era iniciado pela função de vendedor, de balconista, somente em seguida passando a ofícios que precisavam de maiores habilidades matemáticas, como a função de guarda-livros, responsável pela escrita comercial do estabelecimento. O talento de Higino Cunha e as condições materiais de sua família levaram esse aprendiz de comerciante a alçar voos maiores, partindo para Recife onde se formou em Direito no final do século XIX. Voltou ao Piauí para exercer funções públicas, para se envolver no mundo das letras e da política. Inúmeros outros meninos, saídos de famílias da elite rural, engajaram-se em casas comerciais de parentes, tiveram trajetórias diversas, assumindo como adultos a função de guarda-livros, ou ainda passando a se estabelecer por conta própria – sonho de quem trilhava o caminho das atividades comerciais.

No entanto, migrar para a cidade e para as atividades urbanas não era a única escolha para os jovens rapazes das elites do século XIX. Mesmo em crise, a criação do gado e a vida rural continuavam a ser largamente hegemônicas no Piauí oitocentista, dessa forma o aprendizado de saberes necessários para a vida no campo era o percurso

mais escolhido. A trajetória de Manoel de Sousa Martins que, aos dezesseis anos, já comandava as fazendas da família. Em decorrência da pouca saúde do pai, era o caminho preferido pela maioria de jovens, filhos de proprietários no sertão do Piauí. A opção se dava por razões práticas, o patrimônio familiar precisava ser cuidado e continuado, e de preferência por um membro da família. O gosto pela vida no campo, pela lida com o gado, pela relação com os caboclos vaqueiros, a aventura das caçadas faziam com que muitos rapazes mesmo diante da escolha de migrar para a cidade fizessem a opção pela vida na fazenda.

A trajetória de Domingos Pacífico Castelo Branco,<sup>28</sup> filho de um grande proprietário de terras e gado, exemplifica a escolha pela vida no campo em detrimento da cidade:

Nasci para criador; desde pequenino habituei-me a ouvir o aboio da vaqueirama e o berro das crias prezas [...] Tornei-me cavaleiro destemido, sabia correr dentro do mato, acompanhar vaquejadas, laçar e derribar bezeros, chegá-los ao mourão, tirar leite no curral [...]. Afastaram-me do sertão, prenderam-me em colégios, percorri terras estranhas, mas a paixão de sertanejo ficou enraizada no espírito, de tal forma que, maior, dei um pontapé nos livros, abandonei os estudos, corri para minha terra e aqui fiquei plantado por toda a minha vida.<sup>29</sup>

Escolhas, como a de Domingos Pacífico Castelo Branco, que preferia levar a vida no campo, na administração de fazendas, ia ao encontro dos interesses das famílias de origem rural, com vínculos e atividades no campo, pois precisavam que alguns dos filhos se dedicassem a dar continuidade aos negócios, ao criatório do gado ou a lavoura.

As primeiras relações sexuais com mulheres, como já abordado, começavam muitas vezes ainda na transição da infância para a mocidade, eram fundamentais na construção da masculinidade. Se as relações com animais já mostravam o interesse pelo sexo, a força da virilidade masculina, a relação sexual com mulheres lhe colocaria em outro patamar

na sua construção como homem adulto, passaria a ser percebido, a partir daquele dia, de outra forma pelos pares. Muitas vezes os homens mais velhos da família patrocinaavam ou ficavam satisfeitos em saber das atividades sexuais dos mais novos, sinal de virilidade e macheza.

O aprendizado masculino da sexualidade deveria ser desvinculado de interesse afetivo, de qualquer compromisso futuro. No geral, os moços eram direcionados a procurar aventuras sexuais com mulheres das camadas populares, ou ainda, nos prostíbulos, deixando às mulheres de sua classe social manter-se virgens até o casamento.

É assim que as experiências sexuais masculinas presentes nos documentos são geralmente relatos em que aparecem relações afetivo-sexuais com mulheres de outras camadas sociais. Ao lado disso, Raimundo Moura Rego relata casos de moças pobres, filhas de vaqueiros e moradores da fazenda, que se relacionavam com os filhos dos proprietários, que se utilizavam de seus atributos de classe para seduzir:

A festa do mutum ajudou a firmar o namoro com a Lenita. Agora não tinha dúvida que para ela cair só faltava uma oportunidade. E esta veio. Marcamos encontro nos fundos de uma capoeira. Sairia pretextando ir ao riacho, que passava perto, e ficaríamos a sós, alguns instantes. [...]Depois desse encontro tudo ficou mais fácil.

Diante de uma realidade na qual a vigilância em torno da sexualidade das moças dos grupos médios e das elites era muito presente, a saída para os rapazes seria iniciar as práticas sexuais com mulheres de outros grupos sociais em que os interditos à vivência da sexualidade não seriam tão rígidos, em que a possibilidade de existirem mulheres que se permitiam ter vida sexual ativa fora dos vínculos matrimoniais seria uma realidade. As iniciações masculinas poderiam se dar ainda dentro do espaço da casa com as criadas, nesses casos, os sentimentos podem ser múltiplos. Se, por um lado, existe a dificuldade de algumas mulheres para repudiarem o senhorzinho, por outro, existia ainda a possibilidade de se

tornarem amantes no futuro. Ter relações com um moço branco, fino, rico era também possibilidade a ser levada em consideração, não deixava de ser, para algumas moças, demonstração de distinção, de ter sido escolhida, entre as outras.

Para os rapazes, por sua vez, esse era um momento privilegiado de iniciar suas atividades sexuais, de mostrar macheza, virilidade, de iniciar as habilidades de conquistador, de sedutor, o que consistia inestimável ganho na autoestima masculina. As conquistas seriam motivos de admiração por parte dos outros rapazes, e de autoafirmação da masculinidade em formação. Sobre os frouxos, os que se mostravam tímidos, às vezes pairava certa suspeita acerca de sua virilidade, de sua potência masculina, e até mesmo de sua identidade sexual. Afastar para longe de si qualquer suspeita de homossexualidade era algo em que os rapazes deveriam estar sempre empenhados.

Convém enfatizar que as brincadeiras entre os grupos masculinos tinham, entre outras funções, a de colocar à prova a virilidade e a macheza dos companheiros. Dessa forma, as brincadeiras, geralmente, questionavam a força física, a agilidade, mas principalmente o interesse e o apetite sexual dos rapazes se faziam sempre presentes.

Por outro lado, aos rapazes caberia o dever de mostrar interesse pelas mulheres, de seduzi-las, mas sempre deveriam estar em alerta para não caírem de amores, para não se afeiçoarem, pois, quando o faziam, poderiam colocar em risco as estratégias familiares dos grupos médios e das elites, que procuravam articular os enlaces matrimoniais dos rapazes com moças suas iguais, de boas famílias, bem apessoadas, que deveriam trazer para o grupo familiar distinção, prestígio social e patrimônio material.

O mais comum seriam as aventuras da mocidade dos rapazes não acarretarem danos aos interesses familiares. Contudo, as estratégias familiares nem sempre davam certo, alguns casos de moças pobres que

casavam, ou se tornavam amantes de homens casados, povoam algumas memórias familiares escondidas, só reveladas em voz baixa, ou como exemplo de desregramento condenável.

Outro traço caracterizador das vivências masculinas na juventude é a participação dos rapazes nas diversões noturnas, sejam elas realizadas na área rural ou na cidade. Esses bailes eram espaços privilegiados para exercitar a virilidade, para mostrar aos pares suas habilidades de conquistador. Para tanto, utilizavam a boa aparência e a situação social privilegiada como armas de sedução. Agiam sem maiores preocupações e com liberdade, por se acharem em meio socialmente inferior. “Os filhos de família”, como eram chamados os rapazes da elite, envolviam-se em brigas e desavenças. Com relação a este tema, Jônatas Batista dá notícias do Batalhão patriótico, grupo formado por jovens da fina flor da sociedade de Teresina, que se notabilizava pelas arruaças e pela selvageria das lutas físicas, à ponta de faca ou à bala de revólver nos bailes que aconteciam nas áreas suburbanas da cidade.<sup>30</sup>

Na casa dos vinte ou trinta anos era chegada a hora de os homens definitivamente passarem à condição de adultos. Nos grupos de elite, alguns acontecimentos poderiam marcar esse momento, para alguns poucos que haviam se encaminhado na formação escolar superior; a formatura e a posterior colocação em uma função pública seria o caminho natural para ganhar os recursos financeiros para encontrar uma moça e casar-se. Foi assim que Higino Cunha, formado em Direito em 1885, casou-se em 1887, e logo em seguida aceitou a função de Juiz municipal na comarca de Picos, na Província vizinha do Maranhão.

Aos que estavam ligados ao setor produtivo primário, o dote da noiva, no geral recebido em forma de terras, gado e escravos, significava os recursos necessários para dar início a uma nova unidade produtiva. A trajetória de Domingos Pacífico Castelo Branco exemplifica o que seria o esperado para as escolhas matrimoniais masculinas nas famílias de elite

do sertão do Piauí: Domingos Pacífico era herdeiro de extenso patrimônio em terras e gado, ao deparar-se com a necessidade de casar e constituir família seguiu os padrões esperados por seu grupo familiar, casou-se com sua prima Feliciano Castelo Branco, com o casamento endogâmico, somava aos seus cabedais os bens e privilégios advindos como dote da esposa, assumindo assim a posição de proprietário e administrador de imensas glebas de terra e grande quantidade de gado.<sup>31</sup>

No período em análise, nem sempre era possível para as famílias abastadas, que contavam entre os herdeiros com filhas mulheres, encontrar pretendentes à altura. Dessa forma, alguns homens desafortunados, mas que se mostrassem de bom sangue, ambiciosos, de caráter empreendedor e capazes de dar continuidade ao nome e aos negócios da família, poderiam ser aceitos como futuros esposos das moças de família.<sup>32</sup> Foi assim que Manoel Martins, um português pobre, porém trabalhador, inicialmente engajado como administrador de fazenda, acabou namorando e casando com a filha do proprietário, recebendo como dote a Fazenda Serra Vermelha, de onde conseguiria tirar os recursos necessários para sustentar a família. A aritmética matrimonial, segundo o relato de Expedito Rêgo foi a seguinte: “Donana era rica, mas não era bonita. Ele era pobre, mas tinha saúde, disposição para o trabalho e, nas veias, sangue português limpo. A doação da fazenda veio a calhar”.<sup>33</sup>

Em síntese, seja como proprietário de terras e gado seja na condição de funcionário público ou mesmo como comerciante, o certo era que os homens precisavam contar com os recursos para formar família e sustentar a casa. Nesse universo social, marcado pela prevalência das figuras masculinas, e onde os interesses individuais sucumbiam diante das vontades familiares representadas pelos homens, os casamentos não tinham como motivação principal os desejos sentimentais dos nubentes, não era espaço para paixões, para encantos e

realizações amorosas. Os interesses levados em consideração seriam os familiares. Jurandir Freire Costa aponta a existência do dote como uma confirmação do caráter econômico do contrato matrimonial, esse seria apenas um dos mecanismos presentes no intercâmbio das riquezas.

O processo de separação judicial do casal Raimunda Mendes Pereira e Raimundo Dutra Coutinho, moradores na cidade de Oeiras em meados do século XIX, nos ajuda a entender o peso do dote nas escolhas matrimoniais. Raimundo Dutra Coutinho havia feito um acerto com o pai de Raimunda Mendes Pereira, pelo qual o noivo receberia um dote em dinheiro após o casamento. Alguns meses depois, a promessa de dotação da moça não fora cumprida, resolvendo então Raimundo Dutra Coutinho acabar com o casamento, devolvendo a esposa para a casa paterna. No trecho abaixo, fragmento do relato de uma vizinha que havia presenciado a conversa final entre o casal e o sogro, podemos perceber como o acerto conjugal era feito, levando em consideração outras razões que não as sentimentais:

Que sabe o réu ter expelido a autora da sua casa, e que ela sabe disso porque presenciou o réu ter dito ao sogro, pouco mais de mês depois do casamento, se ele não mandava ou tinha trazido o que lhe prometera, o dinheiro, e que respondendo este pela negativa, o réu mal satisfeito, dirigira-se para sua mulher e lhe dissera: já que seu pai faltou com o prometido, ei de mostrar-lhe o que é sentimento, cuide logo em acompanhá-lo.<sup>34</sup>

No relato anterior ficam explícitos o cálculo e os interesses que estavam em jogo no enlace matrimonial em análise. O que movia Raimundo Dutra Coutinho não eram sentimentos de apreço pela noiva, mas simplesmente os ganhos que seriam aferidos com o matrimônio. Frustradas suas expectativas, resolve devolver a mulher ao sogro e dar continuidade à vida de mancebia que tinha com outra mulher, possivelmente de classe inferior, no entanto, do seu agrado e alvo de seus afetos.

O caso de Raimundo Dutra que tinha e mantinha, durante o casamento com Raimunda Pereira, outra mulher era prática comum nas vivências masculinas adultas. Os casamentos fundamentados nas razões de família, e mesmo quando havia conciliação entre os interesses sociais e os interesses do coração, não eram percebidos pelos homens adultos como limitadores ao seu espaço de atuação sexual. O prestígio dos senhores proprietários, a pobreza em que a imensa maioria das pessoas vivia mergulhada, as diferenças raciais aprofundando as distâncias sociais constituíram o meio em que determinadas práticas masculinas se fizeram presentes.

É assim que José Expedito Rêgo, ao biografar Manoel de Sousa Martins, descreve com riqueza de detalhes seu envolvimento com outras mulheres. Segundo o biógrafo, as razões para isso se intensificam com a doença da mulher após o nascimento do terceiro filho. A esposa doente e sempre indisposta teria levado Manoel de Sousa a procurar ter outras mulheres, com as quais pudesse satisfazer suas necessidades de sexo. Objetivando alcançar seu intento, resolve trazer das suas fazendas uma moça nova, mulata bem clara, quase branca, filha do vaqueiro, que bem presenteado em dinheiro não fez oposição ao pedido do patrão. A moça de nome Sebastiana passou a residir na cidade de Oeiras, nas proximidades da casa de Manoel de Sousa Martins, e a receber sua frequente visita. Segundo o seu biógrafo, Manoel de Sousa Martins, não escondeu da esposa o relacionamento extraconjugal com Sebastiana:

Não fez segredo para Josefa. Contou-lhe tudo e acrescentou que pretendia criar como se fossem da própria esposa todos os filhos que por ventura viesse a ter da mulata Sebastiana, Josefa conformou-se, por reconhecer que um homem como Manoel se Sousa não poderia viver sem os prazeres do sexo e ela sabia que não prestava mais para aquilo. Só pediu ao marido que respeitasse a sua presença e que continuasse tratando-a com a consideração de sempre.<sup>35</sup>

Até o final do século XIX, as mulheres não perceberão no esposo um igual; a ele sempre estarão reservadas algumas regalias, maior liberdade de ação social, melhores lugares, melhores refeições, um certo ar de reverência ao marido senhor. Mesmo no aspecto da vivência da sexualidade, os homens continuarão a ter regalias inimagináveis às mulheres.<sup>36</sup> A desigualdade entre homens e mulheres tornava-se ainda mais evidente na relação entre o proprietário e as mulheres que se encontravam na situação de escravas e agregadas. Ter relações sexuais com mulheres socialmente inferiores, pegar doenças venéreas eram demonstrações inequívocas de virilidade e macheza. Dessas relações, surgiam inúmeros filhos bastardos, que mais tarde poderiam ser ou não reconhecidos, mas que seriam incorporados aos interesses da casa-grande.<sup>37</sup>

Ressalte-se, ainda, que práticas como as relatadas por José Expedito Rêgo, nem sempre eram recebidas pelas mulheres de forma pacífica, muitas reagiam e usavam mesmo de violência contra as mulheres tidas e mantidas pelos esposos.

Ainda sobre os casamentos de razão, a historiadora Miridan Britto enfatiza que nesses casos, em que os valores aristocráticos, as preocupações com a linhagem e o prestígio familiar eram pontos considerados, em detrimento dos interesses individuais, havia uma tendência a existir certa dose de conflito, que nem sempre chegava à violência física, mas se apresentavam como malquerer, com agressões verbais, insultos e intrigas, ou mesmo com o abandono, com a humilhação de não respeitá-la, e ter casos com as próprias escravas e agregadas.<sup>38</sup>

Prática comum no Piauí oitocentista era o casamento de homens velhos, muitas vezes viúvos com mulheres novas. A disparidade nas idades era muitas vezes uma barreira na aproximação e na construção de laços afetivos no casal. No entanto, nessa sociedade que buscava

construir uma relação de subordinação das mulheres às figuras masculinas, essa diferença etária, muitas vezes viria a favorecer a construção de uma relação de submissão feminina, pois, diante de homens maduros, as mulheres, quase meninas, assumiam postura respeitosa quando não amedrontada.

As diferenças etárias eram também as responsáveis por comentários maliciosos que questionavam a honestidade feminina e a capacidade viril desses homens já envelhecidos. No romance “Coisas da vida”, Clodoaldo Freitas<sup>39</sup> questiona as práticas tradicionais que favoreciam o casamento de homens velhos com mulheres novas. Ao tratar do casal Herculano Cavalcante, homem de cinquenta anos, casado com Camila, dita como uma formosa mulher, morena de vinte anos de idade, retrata a incapacidade daquele homem em satisfazer os desejos das carnes novas de sua mulher. Camila acaba se tornando amante de Plínio, rapaz novo, amigo da família e que despertava o interesse da jovem senhora, a ponto de ariscar-se em encontros noturnos com o amante.<sup>40</sup>

Camila, mesmo sendo uma criação de Clodoaldo Freitas, expressa uma possibilidade existencial feminina. Os comentários maliciosos que questionavam a virilidade e a potência dos homens envelhecidos eram respondidos com a desconfiança e com o acréscimo nos cuidados por parte do marido, ou mesmo a verbalização de promessas ameaçadoras aos insolentes em potencial que lhe faltassem com o respeito. Ameaças que poderiam ser concretizadas se as suspeitas se mantivessem, pois era prerrogativa desses homens patriarcais lavarem a honra com sangue caso fosse necessário.

Em outros relatos de memória, podemos perceber que as traições e suspeitas não recaiam apenas nas relações conjugais marcadas pela diferença de idade entre os cônjuges. O caso da traição de Firma casada com Benedito Britto, residentes de Oeiras, expressa como as mulheres

em suas práticas cotidianas poderiam colocar em cheque a modelar e esperada potencia masculina.

Benedito Britto fora informado, por um amigo de sua confiança, que a esposa estaria tendo encontros amorosos com outro homem. Avisado, redobrou os cuidados, descobriu indícios da suposta traição, e, um dia, ao chegar inesperadamente em casa, encontrou a mulher em sua mesa-secretária escrevendo um bilhete. Indagando da mulher do que se tratava, teve como resposta o bilhete feito em pedaços e a posterior deglutição do mesmo. Para Benedito a traição estava confirmada, então, separou-se.<sup>41</sup>

As traições femininas podem ser percebidas como negação ao domínio familiar masculino, ou como manifestações de descontentamento com as práticas familiares que faziam ajustes matrimoniais sem levar em conta os interesses das pessoas diretamente envolvidos. Para muitos homens, a traição seria algo insuportável, uma desonra suprema, uma profunda perda para a virilidade masculina, que as mulheres e os homens envolvidos poderiam pagar com a própria vida.<sup>42</sup> A violência poderia se fazer presente nos casos danosos à honra familiar, como, por exemplo, os adultérios e os raptos de moças casadoiras. As referidas ocorrências poderiam desencadear mesmo sérios conflitos entre parentelas.

Ao lado das moças casadoiras, que desafiavam os interesses patriarcais e se deixavam raptar, ou ainda de mulheres que se entregavam aos amores de outros homens que não do legítimo esposo, ou ainda das que se vingavam das amantes dos maridos, usando de violência, aparecem relatos de memória que chamam a atenção para a existência de mulheres que se caracterizavam pela disposição ao trabalho e ao enfrentamento das questões cotidianas na ausência das figuras masculinas. É assim que Domingos Pacífico Castelo Branco retrata sua sogra, que, ficando viúva ainda jovem, além de enfrentar as adversidades

“nunca se lastimava, atacava o mal pela frente, ostentando ânimo varonil”.<sup>43</sup> José Expedito Rêgo, ao retratar Donana, esposa de Manoel Martins, expressa também vivências femininas marcadas pela força e iniciativa, principalmente na ausência do marido. Ao tratar de uma das viagens de Manoel Martins à Bahia para vender gado, o autor fez o seguinte relato: “Não teve receio de deixar a mulher só, na fazenda. Donana era disposta e sabia dirigir muito bem uma propriedade”.<sup>44</sup>

A masculinidade dos homens do sertão estava ainda diretamente ligada à figura do vaqueiro, homens preparados e conhecedores de saberes necessários para a lida com o gado. Sua imagem montado a cavalo, demonstrando perícia no manuseio do laço, sua agilidade em embrenhar-se na mata e enfrentar as adversidades para bem desenvolver o ofício são sinônimos da masculinidade sertaneja. O prestígio desses homens vinha da relação com o gado, bem mais prestigiado e valorizado da região. As suas atitudes de coragem, de valentia ao enfrentar a hostilidade do clima, os bois bravos, o encanto do aboio traziam prestígio à função de vaqueiro e lhe proporcionavam a imagem de virilidade presente no imaginário sertanejo.<sup>45</sup>

Deste modo, no dia da festa de apartação do gado, os senhores vestiam suas roupas de couro, segundo relata Moura Rego sobre o hábito do seu tio Senhor:

Nesses dias de grande gala, Senhô mandava retirar do cabide sua indumentária especial, de mateiro erado. Era nela do alto de um cavalo bem nutrido, a prata das esporas e dos arreios faiscando de tão limpo, que ele assistia ao espetáculo grandioso da vaquejada. Às vezes em companhia de amigos também encourados de outras fazendas, todos alegres, exagerando casos ligados invariavelmente à vida no campo.<sup>46</sup>

Os homens são ainda ditos em muitos relatos de memória e textos historiográficos como desbravadores, favorecendo a construção de uma subjetividade masculina, fundada na disposição de enfrentar as

adversidades. Dessa forma, assumem o papel de fundadores, de vencedores, de quem prospera no meio de grandes dificuldades. Essas imagens são fundamentais na construção da autoestima e da imagem familiar. É assim que os homens, tais como personagens mitológicas, aparecem na escrita de seus descendentes. Exemplo desses relatos encontramos no texto de Joaquim Nogueira Paranaguá,<sup>47</sup> no qual retrata a viagem que fez do Rio de Janeiro ao Piauí pelo Sertão. Ao chegar a Paranaguá, no sul do Piauí, onde estavam fincadas suas raízes familiares, e adentrar pela casa-grande da fazenda dos antepassados, descreveu assim, as lembranças e significados que lhe vinham à mente:

Entramos numa saleta, onde observamos antigos objetos que haviam pertencido ao Tenente-Coronel Felisberto Francisco Nogueira, o bandeirante, que, por ordem do Governo, repeliu os Índios Pimenteiras, Cherentes e outros do sul do Piauí, conseguindo com sua gente, penetrar pela primeira vez no sul do Maranhão e Norte de Goiás.<sup>48</sup>

Para Joaquim Nogueira Paranaguá, a memória do antepassado fundador, suas glórias belicosas são lembradas como distintivos de grandeza, como marcas da superioridade da estirpe familiar, do sangue que continuava a correr nas veias dos descendentes, fazendo com que esses se sentissem elevados na sua virilidade. Seriam provas da coragem, da bravura e da persistência dos antepassados, valores enaltecadores da autoestima masculina.<sup>49</sup>

Abdias Neves<sup>50</sup> no seu livro: *O Piauí na Confederação do Equador*, ao analisar o processo histórico de construção da sociedade piauiense também descreve as figuras masculinas partindo do seu papel belicoso. A guerra desenvolvida contra os indígenas aparece como motivo inicial dos conflitos:

Não haviam procurado os primeiros colonizadores obter a aliança das tribos, pelo contrário, declarando-lhes guerra de extermínio, provocaram represálias sanguinolentas e cruéis. E tal foi o ardor em as combater que,

as que não fugiam, estavam completamente exterminadas antes de decorridos dois séculos.<sup>51</sup>

Para Abdias Neves, o caráter belicoso das figuras masculinas levou ao surgimento de potentados locais que arrogavam para si o poder político, militar, e ainda a força para distribuir a justiça. Tamanho poder justificava-se, segundo ele, pela fragilidade e distância do poder público e pela força militar privada que os senhores tinham na Capitania. Cada fazenda, cada senhor tinha seu bando de mercenários, mantidos com a certeza da impunidade nas casas ricas. “E nenhum deixou de ter essa triste guarda de honra, necessária à sua conservação aos caprichos do seu orgulho”.<sup>52</sup>

Os relatos escritos nos dão conta de outros momentos históricos, marcados por conflitos armados, e que se tornariam balizas na configuração das imagens masculinas vinculadas à virilidade e a belicosidade. É assim que Joaquim Nogueira Paranaguá, referindo-se a outro antepassado, que vivera na primeira metade do século XIX, e que podemos deduzir, lutou ao lado das forças governistas contra os Balaíos revoltosos, enfatiza o mesmo caráter viril, guerreiro, desses potentados locais, caracterizando os antepassados como concretizadores de uma estrutura social, de defensores de um modo de vida: “Dessa fazenda partiu, sob a direção do Coronel José Martins, o Capitão José Francisco Nogueira Paranaguá, para combater os Balaíos; e foi um piquete sob seu comando, que destroçou os rebeldes”.<sup>53</sup>

Bugyja Britto, ao descrever seu bisavô Raimundo de Souza Britto, caracteriza-o como patriota extremado, pelas contribuições em homens, armas e mantimentos para as tropas que emprenderiam combates armados em favor da independência do Piauí. Conforme Pedro Paulo Oliveira, a masculinidade está diretamente ligada à capacidade de agir com bravura e coragem, de utilizar sua potência em defesa do que era

tido como o justo, o correto, em defender o *socius*, que poderia ser a família, a terra natal ou a nação.<sup>54</sup>

As figuras masculinas são ditas ainda como os responsáveis pela criação de fazendas, pela ocupação e repovoamento do território. É assim que Bugyja Britto retrata, em suas Narrativas Autobiográficas, seu trisavô Raimundo de Souza Britto como pioneiro na criação de fazendas de gado no Piauí.<sup>55</sup>

Dentro das condições apresentadas, podemos dizer que os homens capitaneavam para si a notoriedade de serem senhores de fazenda, donos do gado, dos escravos, chefe de homens armados prontos a defenderem seus interesses. Esses seriam fatores primordiais para alcançarem também respeito, prestígio e poder. Lançados sertão adentro sem maiores auxílios do poder público, os senhores proprietários acabaram criando estruturas de poder autônomas, arrogando para si amplos poderes, tornando-se a lei, a autoridade. Para Lena Castelo Branco, a rarefação do poder público contribuiu para que esses proprietários suprissem deficiências governamentais. Assim muitos potentados rurais assumiam a liderança política de determinadas áreas; nesse exercício, precisavam contar com a fortuna que haviam herdado ou adquirido, com a submissão da parentela à sua vontade e orientação e ainda ter qualidades carismáticas que fizessem dele um líder respeitado.<sup>56</sup>

A liderança e o respeito conquistado por essas figuras patriarcais não significava apenas poder político, apoio a determinados candidatos escolhidos, mas se dava mesmo na mediação de disputas por limites de terra e outras questões.

Nas memórias de muitos literatos, os velhos senhores rurais são ditos como homens duros, rústicos, sem refinamento, muitas vezes sem muito contato com a cultura letrada, e que, além disso, não aceitavam a desobediência, a negação à sua autoridade, a deslealdade. Homens de caráter senhorial acostumados a mandar e a serem obedecidos, que não

se acostumavam a obedecer a ordens, a submeter-se a vontades outras que não a sua. Acreditavam caber-lhes a decisão sobre escolhas matrimoniais, sobre alianças familiares, sobre o encaminhamento dos filhos na vida.

As posturas autoritárias características das relações entre senhores e escravos ou entre senhores e agregados são também a marca das relações desses patriarcas dentro do espaço familiar. Muitos relatos dão conta de homens duros, que assumiam a paternidade não como espaço privilegiado de afetividade, mas como função que tinha no compromisso de honrar o nome da família, de defender os interesses econômicos do grupo, seus deveres primordiais,<sup>57</sup> exigindo de todos o respeito e a lealdade. Nos livros de memórias, os descendentes desses velhos senhores definem as relações entre homens e mulheres, entre pais e filhos. São relatos marcados pelos conflitos e pelas posturas intransigentes. A narrativa de Bugyja Britto sobre o seu bisavô materno é ilustrativo dos conflitos familiares do final do século XIX.

Raimundo Francisco, bisavô de Bugyja Britto, tivera o desejo de que os filhos homens, em número de sete, fossem todos padres; três foram ordenados, o quarto morreu no Seminário. O quinto, de nome Joaquim, não quis atender o desejo paterno; Joaquim, por essa desobediência, recebeu castigo físico, razão pela qual decidiu fugir precipitadamente para o Amazonas, de onde nunca mais deu notícias à família. A fuga de Joaquim teria levado Raimundo Francisco a rever a decisão quanto ao resto da prole.<sup>58</sup>

A intransigência desses patriarcas fazia-se sentir também nas escolhas conjugais dos filhos. A procura por pessoas que viessem a acrescentar prestígio e riqueza familiar deveria ser a tônica das escolhas. Nesse sentido, os interesses individuais não podiam ser levados em consideração, muitas vezes esses eram motivos de atitudes violentas ou mesmo de repúdio a algum membro familiar que desobedecesse as regras

familiares. O relato de Bugyja Britto sobre os conflitos entre o bisavô materno e a filha Maria são ilustrativos dessas práticas. Maria iniciou um namoro sem o consentimento do pai. Diante da negativa paterna, o namorado, contando com o consentimento de Maria, articula e efetiva o seu rapto. A resposta do pai à desobediência foi nunca mais falar com a filha Maria.

A dureza das relações dos patriarcas com os filhos parece ser a tônica de muitos relatos memorialísticos, senhores que se queriam respeitados por todos, dentro do espaço familiar e que faziam questão de manter um ar de superioridade e altivez, exigindo dos outros o respeito e o distanciamento necessários. Humberto de Campos, ao descrever a figura de Pacífico Castelo Branco, no livro “Memórias inacabadas”, expressa um padrão de masculinidade patriarcal, no que diz respeito aos aspectos físicos e ao patrimônio familiar. A descrição expressa a forma como a sociedade percebia a potência do homem descrito:

Membro, dos mais proeminentes da aristocracia da Província, possuía numerosos escravos e grandes terras. O seu gado mugia em nove comarcas do sertão e os seus negros enchiam toda a praça fronteira, à hora da benção ao seu senhor. Um orgulho fundo enchia, por isso, o largo peito brasileiro, e era com displicência ativa, que passava a mão pela barba grisalha e espalhada, que, aberta em leque, lhe cobria o coração.<sup>59</sup>

Se as barbas longas de Pacífico Castelo Branco lembram bem as figuras patriarcais brasileiras do século XIX, e davam a ele um ar senhorial, a descrição do seu patrimônio em terras, gado e escravos, a forma como é tratada na escrita mostram a pujança das finanças, e como isso era percebido como fator que potencializava e distinguia socialmente a sua imagem de Homem branco e grande proprietário.

Pacífico Castelo Branco era um senhor que residia na cidade, e que dela administrava seu patrimônio, o que o obrigava a fazer visitas periódicas às fazendas. É exatamente numa das inúmeras viagens às suas

propriedades que ele morre repentinamente, deixando os seus escravos e agregados em situação desesperadora, sem saber como agir diante de tal acontecimento. O morto não era um qualquer, nessa sociedade oitocentista, em que as diferenças sociais eram profundamente delineadas; e a própria morte de alguém tão importante estaria cercada de toda uma ritualística que os negros não poderiam realizar. Não poderiam simplesmente enterrar o corpo de tão ilustre figura patriarcal em qualquer lugar da propriedade, nem mesmo fazê-lo com a pompa e a ritualística que a ocasião demandava, os esforços de levar o defunto até a cidade, para que se pudesse realizar os rituais fúnebres dentro dos padrões aceitáveis para alguém da sua estirpe, mostram as diferenças sociais existentes entre escravos, pobres e potentados.

Se por um lado Pacífico Castelo Branco era cioso do seu lugar privilegiado na sociedade, se comungava dos padrões físicos de um patriarca, mostrava-se, segundo o relato do filho, um pai generoso, que atendia aos caprichos do infante, assumindo, desta forma, traços de uma masculinidade renovada na relação com a prole: “Prodigalizava-me (o pai) todos os carinhos, satisfazia-me todas as vontades, submetia-se a todos os meus caprichos [...]”.<sup>60</sup>

Os relatos de Domingos Pacífico sobre seu pai, aparentemente fugindo do padrão de paternidade, que pareciam até então homogêneos, nos mostram como nas práticas cotidianas sempre existe espaço para a reinvenção de valores já estabelecidos e para a vivência dentro de outros parâmetros. Os relatos de Domingos Pacífico sobre seu pai podem ainda ser idealizações, deixando nas sombras do esquecimento memórias que não convêm lembrar e menos ainda expressar, afinal de contas os comentários são sobre uma figura masculina na função de pai, e, assim sendo, devam ser preservados de comentários desabonadores.

Em síntese, mostramos algumas possibilidades existenciais masculinas nos grupos de elite rural do Piauí no século XIX.

Masculinidades majoritariamente construídas fora dos espaços escolares, e, dessa forma, forjadas nas práticas cotidianas, nas relações e na observação dos adultos. Ao analisar as trajetórias masculinas, procuramos mostrar as masculinidades como construções históricas, moldadas pelos valores vigentes no meio social, pelos limites materiais e existenciais, mas também pelas escolhas pessoais, o que favorece a pluralidade. Se alguns homens já começavam nas suas trajetórias a legitimar a vida urbana e suas sociabilidades, podemos afirmar que a vida transcorria majoritariamente no campo. A lida com o gado, a capacidade de administrar as propriedades, fazendo a terra, os animais e as gentes livres e escravas gerarem dividendos. O gosto por práticas viris como as caçadas, as pescarias e a vaquejada parecem envolver os homens oitocentistas em teia existencial, da qual muitos, como Domingos Pacífico Castelo Branco, parecem não ter interesse em se desvencilhar.

## Notas

---

\* Professor da UFPI, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI e tutor do PET-História UFPI. Esse artigo é parte de pesquisa desenvolvida pelo autor com apoio financeiro do CNPQ

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção Social da masculinidade*. Belo Horizonte, UFMG, 2004. pp. 20-21.

<sup>2</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1999. pp. 13.

<sup>3</sup> RÉGO, José Expedito. *Vaqueiro e visconde*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986. Ao esboçar a trajetória de Manoel de Souza Martins, levaremos em consideração não apenas os enunciados da historiografia, mas também os enunciados da criação literária, por entendermos que são tênues os limites entre história e literatura, sobretudo quando se trata de romance histórico, como é o caso da obra citada.

---

<sup>4</sup> Manoel de Sousa Martins, Visconde da Parnaíba, governou o Piauí durante 20 anos (1823 a 1843); foi o responsável pelo levante em Oeiras contra o Major João José da Cunha Fidié, comandante das tropas portuguesas no Piauí, movimento que culminou com a adesão do Piauí ao processo de independência do Brasil. Como Governador Provincial, comandou as tropas piauienses que lutavam contra a Balaiada. Foi homem rico, grande proprietário de terras, escravos e gado.

<sup>5</sup> FALCI, Miridan Brito Knox. *A criança na Província do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras/CEDHAL, 1991. RÊGO, Raimundo Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.

<sup>6</sup> Higino Cícero da Cunha nasceu em 11 de janeiro de 1858, em São José das Cajazeiras, hoje Timon (MA), e faleceu em Teresina em 16 de novembro de 1943. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, em 1885, trabalhou em vários cargos públicos, foi professor do Liceu Piauiense, da Escola Normal e da Faculdade de Direito do Piauí. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

<sup>7</sup> CUNHA, Higino. *Memórias: traços autobiográficos*. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 2011, p. 11.

<sup>8</sup>BRITTO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro, 1977. p. 99.

<sup>9</sup> COSTA FILHO, Alcebiades. *A escola do Sertão*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

<sup>10</sup> Sobre a educação no Piauí oitocentista ver: QUEIROZ, Teresinha. *Educação no Piauí (1880-1930)*. Imperatriz, Ética, 2008.

<sup>11</sup> SAMPAIO, Antônio. *Velhas escolas, grandes mestres*. Esperantina, [19??].p. 22.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>13</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência nos trópicos*. São Paulo, Hucitec, 1997.

<sup>14</sup> RÊGO, *op. cit.*, 1986, p. 28.

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego*. p. 7. [Digitado].

<sup>16</sup> GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/CPDOC, 2002. p. 382.

<sup>17</sup> QUEIROZ, Teresinha. O nascimento da infância. In: \_\_\_\_\_. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. pp. 151-168.

<sup>18</sup> RÊGO, Raimundo Moura. *As mamoranas estão florindo*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986.

<sup>19</sup> *Ibid.*, 1986.

<sup>20</sup> Antônio Bugyja de Sousa Brito nasceu a 21 de maio de 1907, em Oeiras e faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1992. Foi Bacharel em Direito pela Universidade do Brasil, em 1933. Colaborou em vários jornais publicados em Teresina, Membro da Academia Piauiense de Letras.

<sup>21</sup> Sampaio, *op. cit.*, p. 50.

<sup>22</sup> MARTINS, Luís. *O patriarca e o Bacharel*. São Paulo, Alameda, 2008, pp. 51-62.

<sup>23</sup> COSTA, 1999, p.187.

<sup>24</sup>ALBUQUERQUE Jr., *op. cit.*, p. 8-9.

---

<sup>25</sup>REGO, *op. cit.*, 1986, p. 62.

<sup>26</sup> Os relatos que mostram o aprendizado de atividades urbanas em casas de parentes são muitos; Higino Cunha relata em seus traços autobiográficos que todos os empregados da Casa Cruz e Santos eram parentes do proprietário.

<sup>27</sup> Cristino Castelo Branco nasceu em 24 de julho de 1892, em Teresina, e faleceu em 25 de fevereiro de 1983, no Rio de Janeiro. Bacharel em Direito no Recife em 1911, foi Juiz de Direito e Desembargador. Diretor da Instrução Pública, professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal em Teresina. Colaborou em revistas e na imprensa de Teresina. Membro da Academia Piauiense de Letras.

<sup>28</sup> Domingos Pacífico Castelo Branco nasceu em 1877, na Fazenda Designo, município de União-PI. Era filho do Coronel Pacífico da Silva Castelo Branco. Ficou órfão de mãe aos dois anos de idade e de pai aos doze. Estudou em Recife e depois na Alemanha. Casou-se aos 22 anos com uma prima de nome Feliciano Rodrigues Castelo Branco, passando em seguida a tornar-se proprietário e administrador de terras e gado no Maranhão e Piauí. As informações bibliográficas de Domingos Pacífico Castelo Branco foram encontradas em: COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira. *Arraial e Coronel*. São Paulo, Cultrix. 1978.

<sup>29</sup> COSTA, 1978, p. 159.

<sup>30</sup> Ver Baixa da Égua. BATISTA, Jonatas. *Poesia e prosa*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986. pp.183-186.

<sup>31</sup> Para maiores informações sobre as práticas de Dote no Brasil oitocentista ver: NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001; ABRANTES, Elizabeth Sousa. São Luís, UEMA, 2012.

<sup>32</sup> COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira. *Arraial e coronel*. São Paulo, Cultrix, 1978. p.120.

<sup>33</sup>RÊGO, *op. cit.*,1986, p. 8.

<sup>34</sup> SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva. *As relações conjugais no Piauí oitocentista: um estudo sobre casamento e divórcio*. Trabalho (Qualificação) – Universidade Federal do Piauí, MEB, Teresina, 2002, p. 51.

<sup>35</sup>RÊGO, José expedito, 1986, p. 46.

<sup>36</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p. 47.

<sup>37</sup> Sobre práticas de masculinidade em sociedades tradicionais ver: FALCI, Miridan Brito Knox. *A criança na Província do Piauí*. Teresina, Academia Piauiense de Letras/CEDHAL,1991; CASTELO BRANCO, Moisés Filho. *A família rural no Piauí*; MUNIZ, Durval. *O engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego*. [Digitado].

<sup>38</sup> FALCI, 1991, p. 269.

<sup>39</sup> Clodoaldo Severo Conrado Freitas, nasceu a 7 de setembro de 1855, na cidade de Oeiras, e faleceu a 29 de junho de 1924 em Teresina. Estudou no Seminário das Mercês em São Luiz do Maranhão, e bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1880. Ocupou vários cargos públicos, publicou vasta obra literária, foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras.

<sup>40</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Coisas da vida*. Imperatriz, Ética, 2009.

- 
- <sup>41</sup> BRITO, 1977, pp. 27-28.
- <sup>42</sup> MARTINS, 2008, pp. 51-62.
- <sup>43</sup> COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira. *Arraial e coronel*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 162.
- <sup>44</sup> Rêgo, 1986, p. 12.
- <sup>45</sup> GAMEIRO, Alvina. *Chico vaqueiro de meu pai*. Teresina. s/d.
- <sup>46</sup> RÊGO, 1986, p. 102.
- <sup>47</sup> Joaquim Nogueira Paranaguá nasceu a 11 de janeiro de 1855, na Fazenda Santa Cruz, município de Corrente-PI. Formado em Medicina na Bahia em 1882, foi deputado provincial e vice-governador do Piauí em 1890.
- <sup>48</sup> PARANAGUA, Joaquim Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do País*. Teresina, Academia Piauiense de Letras, 1984. p. 64.
- <sup>49</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, 2004, pp.19-82.
- <sup>50</sup> Abdias da Costa Neves, nasceu em 19 de novembro de 1876, em Teresina, onde faleceu em 28 de agosto de 1928. Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife (1898), ocupou vários cargos públicos, entre eles o de professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal. Fundou ainda escolas privadas. Foi senador da República e autor de várias obras.
- <sup>51</sup> NEVES, Abdias. *A confederação do Equador no Piauí*. Teresina, EDUFPI, 1997.
- <sup>52</sup> NEVES, *op. cit.*, 1997.
- <sup>53</sup> PARANAGUÁ, *op. cit.*, 1984, p. 64.
- <sup>54</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, 2004, pp.19-80.
- <sup>55</sup> BRITO, 1977, p 13.
- <sup>56</sup> COSTA, Lena Castelo Branco Ferreira, *op. cit.*, 1978, pp. 118-121.
- <sup>57</sup> COSTA, Jurandir Freire, *op. cit.*, 1999, p. 240.
- <sup>58</sup> BRITTO, 1977, p. 47.
- <sup>59</sup> CAMPOS, Humberto de. *Memórias e memórias inacabadas*. São Luis, GEIA, 2009. p. 353.
- <sup>60</sup> COSTA, 1978, p. 177.

Data de envio: 11/11/2012

Data de aceite: 30/11/2012